

O AVANÇO DE EMPRESAS EDTECHS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: ANÁLISE DA COBERTURA NOTICIOSA FEITA PELOS JORNAIS PAULISTAS NOS ANOS DE 2018 A 2021

The Advance of Edtech Companies in Basic Education: Analysis of the News Coverage Made by the São Paulo Newspapers in the Years 2018 to 2021

Luciana Livia Gonçalves ¹

Resumo: A pandemia de COVID-19 foi considerada o maior desafio imposto aos sistemas educacionais em toda a história, chegando a afastar mais de um bilhão de crianças de suas escolas em todo o mundo e obrigando os sistemas de ensino a funcionarem com restrições durante meses. Nesse contexto, as soluções e produtos digitais foram uma das estratégias que permitiram a continuidade da aprendizagem escolar no período. As empresas *edtechs* se beneficiaram com a explosão da procura por seus produtos e serviços, registrando recordes de faturamento, expansão e investimentos. Este estudo, de caráter documental, analisa a cobertura noticiosa do assunto feita pelos jornais Folha de S.Paulo e O Estado de S. Paulo nos anos de 2018 a 2021. Tendo como referencial metodológico a análise de conteúdo (CRESWELL, 2010), buscamos identificar como as empresas *edtechs* foram retratadas pelos jornais e quais ideias e conceitos circundam o assunto. Dialogamos com as reflexões de Sibilia (2012) e Serres (2013) sobre a percepção de inadequação da escola na contemporaneidade e com os estudos de Selwyn (2013; 2019) sobre as tecnologias digitais como uma arena discursiva em que a transformação da escola está em discussão. Como resultado deste estudo, foi possível identificar que a expansão das empresas *edtechs*, assim como o aumento do uso dos produtos e serviços digitais que elas desenvolvem e comercializam, foram retratados de maneira notoriamente positiva pelos jornais, sendo associados à capacidade de melhorar e de modernizar as instituições de ensino e os processos de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Edtech. Educação básica. Mercado educacional.

Abstract: The COVID-19 pandemic was considered the biggest challenge imposed on education systems in history, putting more than a billion children away from their schools around the world and forcing education systems to work with restrictions for months. In this context, digital solutions and products were one of the strategies that allowed the continuity of school learning in the period. Edtech companies benefited from the explosion in demand for their products and services, registering revenue records, expansion and investments. This documental study analyzes the news coverage of the subject made by the newspapers Folha de S.Paulo and O Estado de S. Paulo in the years 2018 to 2021. Using content analysis as a methodological reference (CRESWELL, 2010), we sought to identify how edtech companies were portrayed by newspapers and what ideas and concepts surround the subject. We dialogue with the reflections of Sibilia (2012) and Serres (2013) on the perception of inadequacy of the

¹ Mestre em Tecnologias da Inteligência e Design Digital pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2020 - bolsista CNPq) e bacharel em Comunicação Social - Múltiplos pela mesma Instituição (2005). É membro do grupo de pesquisa Comunidata, que investiga a influência do avanço tecnológico nas transformações pós-modernas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2846-7764>. E-mail: lucivia@gmail.com.

school in contemporary times and with the studies of Selwyn (2013; 2019) on digital technologies as a discursive arena in which the transformation of the school is in discussion. As a result of this study, it was possible to identify that the expansion of edtech companies, as well as the increase in the use of digital products and services that they develop and market, were portrayed in a notoriously positive way by the newspapers, being associated with the ability to improve and modernize teaching institutions and teaching-learning processes.

Keywords: Edtech. Basic education. Educational market.

1 Introdução

As tecnologias digitais estão mudando a forma, o significado e a governança da educação, afirmou a UNESCO (2021). E a pandemia de COVID-19 contribuiu para acelerar essa transformação em curso. Estudos de Williamson e Hogan (2020) e de Facer e Selwyn (2021) revelam que a privatização e a comercialização da educação avançaram durante a pandemia em todo o mundo, assim como cresceu a influência do setor privado nos sistemas de ensino e nos processos e práticas escolares.

A pandemia afetou mundialmente os sistemas educacionais, obrigando o fechamento temporário de escolas, seguido de restrições ao seu funcionamento por um longo período. Como consequência, o uso de tecnologias digitais em ambientes e rotinas escolares aumentou significativamente, colocando o setor privado no centro dos serviços educacionais essenciais. Em poucas semanas após a declaração de pandemia feita pela Organização Mundial da Saúde (OMS), por exemplo, o *download* de aplicativos educacionais havia aumentado 90% em todo o mundo em comparação com a média semanal do final de 2019 (HUMAN RIGHTS WATCH, 2022).

No Brasil, o Ministério da Educação flexibilizou temporariamente o ensino remoto durante o período de isolamento social, fazendo crescer a demanda por aplicativos e plataformas digitais. Nesse contexto, as empresas *edtechs* brasileiras, que já vinham crescendo antes da pandemia, registraram números recordes de investimentos, de lucros e de usuários dos seus produtos e serviços, entre eles alunos, docentes e/ou instituições de ensino.

Este estudo, de caráter documental, analisa a cobertura noticiosa feita pelos jornais Folha de S.Paulo e O Estado de S. Paulo sobre o avanço de empresas *edtechs* durante a pandemia de COVID-19. Tendo como referencial metodológico a análise de conteúdo (CRESWELL, 2010), buscamos identificar como as empresas *edtechs* foram retratadas pelos jornais e quais ideias e conceitos circundam o assunto.

Para tanto, a primeira parte do artigo explora brevemente as diferentes definições do termo *edtech* e o protagonismo das tecnologias digitais nas transformações da sociedade contemporânea. Dialogando com autores como Sibilía (2012), Serres (2013), Selwyn (2013; 2019), trazemos subsídios para refletir sobre a percepção de inadequação da escola na contemporaneidade e a centralidade das tecnologias digitais na sua modernização. Em seguida, avançamos na compreensão do crescimento de empresas *edtechs* no mercado educacional brasileiro durante a pandemia, contexto que é percebido como uma oportunidade para transformar permanentemente a escola. Na segunda parte do artigo, detalhamos os procedimentos metodológicos empregados na coleta e na análise dos dados, assim como apresentamos e discutimos os resultados da análise.



2 Definições de *edtech* e a presença na educação básica brasileira

O termo *edtech* é usado de forma variada e ainda não há um consenso sobre a sua definição. O Cambridge Dictionary o define como a abreviação de *educational technology*, que tem como significado o uso da tecnologia na educação. Williamson e Hogan (2020, p. 5, tradução nossa), compreendem *edtech* como “um campo multifacetado de tecnologias, atividades e organizações que está inserido em uma variedade de contextos sociais, geopolíticos e econômicos e que afeta uma gama muito ampla de processos e práticas”. Na concepção dos autores, o termo abrange empresas, programas, aplicativos, plataformas digitais, sistemas e infraestruturas utilizados por instituições de ensino. Televisão e rádio são tecnologias inclusas nesse entendimento.

No Brasil, o termo é frequentemente associado a empresas de tecnologias educacionais, sobretudo *startups*. A Associação Brasileira de Startups (ABStartups) e o Centro de Inovação para a Educação Brasileira (CIEB), por exemplo, definem *edtech* como uma categoria de empresa cujas características são a aplicação sistemática de tecnologia em tarefas práticas e o uso da tecnologia como “facilitadora de processos de aprendizagem e aprimoramento dos sistemas educacionais, gerando efetividade e eficácia” (CIEB, 2021, p.9). O CIEB, em parceria com a ABStartups, tem promovido pesquisas e difundido informações sobre a atuação das empresas *edtechs* no Brasil. Entre os pilares de atuação do CIEB estão a geração de subsídios para o debate de questões relacionadas à inovação na educação pública brasileira e o apoio à formulação de políticas públicas. O CIEB é uma associação mantida por instituições privadas que atuam no setor educacional de diferentes maneiras. Essas instituições, entre elas a Fundação Leman, Instituto Natura, Instituto Península, Porvir e Fundação Telefônica Vivo, influenciam políticas públicas, ofertam assessorias e capacitações e comercializam diferentes produtos: cursos, plataformas educacionais, materiais didáticos etc. No entendimento do CIEB e da ABStartups, se enquadram no termo *edtech* tanto as *startups* que têm a educação como foco principal de atuação como também empresas que desenvolvem ou viabilizam o uso de recursos e de tecnologias digitais no setor educacional com mais tempo de atuação. Já a definição do termo ‘tecnologia educacional’ está associada a um conceito mais abrangente, que inclui também dispositivos, tanto softwares quanto hardwares (CIEB, 2021).

Sendo compreendida como uma categoria de *startup*, importa esclarecer também os significados desse termo. No Brasil, a Lei Complementar nº 182/2021, que institui o Marco Legal das Startups, enquadra como *startup* as “organizações empresariais ou societárias, nascentes ou em operação recente, cuja atuação caracteriza-se pela inovação aplicada a modelo de negócios ou a produtos ou serviços ofertados” (BRASIL, 2021a, Art. 4º). De cunho federal, a lei visa criar um ambiente regulatório favorável para empresas inovadoras. A tipificação desse modelo de empresa inclui ainda a receita bruta anual de até R\$16 milhões e até dez anos de inscrição no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ). O termo *startup* também é definido como uma empresa que “nasce a partir de um modelo de negócio ágil e enxuto, capaz de gerar valor para seu cliente resolvendo um problema real”, cuja tecnologia é uma ferramenta central para tornar a sua solução escalável para o mercado (CIEB, 2021, p.10).

As *startups* com foco em educação, nomeadas como ‘empresas *edtechs*’ neste estudo, estão em ascensão global nos últimos anos, registrando números cada vez maiores de volume de investimentos, de pessoas e instituições alcançadas e, naturalmente, de lucros. Um mercado que se expande em torno do ensino e que se mostra bastante lucrativo e vantajoso para investidores.



As empresas de tecnologia estão na vanguarda da transformação digital da escola, fornecendo diferentes soluções para o setor de educação básica. Não apenas as empresas *edtechs*, focadas no setor educacional, como também grandes empresas norte-americanas de tecnologia, entre elas Facebook, Alphabet-Google, Apple, Amazon e Microsoft, estão ampliando a participação na prática educacional contemporânea nos últimos anos (FACER; SELWYN, 2021; WILLIAMSON; HOGAN, 2020; SELWYN, 2013).

Esse avanço na educação básica está amparado, sobretudo, por transformações e características da sociedade ocidental contemporânea. As tecnologias digitais são onipresentes em praticamente todos os aspectos da vida cotidiana nos dias de hoje. Elas protagonizaram mudanças significativas na maneira como trabalhamos, consumimos, nos comunicamos, nos entretemos, adquirimos conhecimento, armazenamos nossas memórias, desenvolvemos as nossas atividades cotidianas e nos relacionamos. Mudanças que se fazem sentir também dentro das escolas e pelos corpos que por elas circulam. As tecnologias digitais se tornaram uma característica da prática educacional contemporânea em muitos países e contextos e são centrais na imaginação sobre o futuro da educação e no potencial de melhorar a qualidade do ensino (FACER; SELWYN, 2021; SELWYN, 2013; 2015).

Em torno das tecnologias digitais circulam discursos em que sobressaem temas como inovação, modernização, disrupção, aprimoramento e transformação. Esses temas têm contribuído para legitimar a introdução de soluções digitais ao cotidiano escolar e para consolidar narrativas frequentemente alicerçadas em diagnósticos de como a educação contemporânea é e como ela deveria ser (SELWYN, 2013; 2015). Inscritos nesses discursos estão também temas como escalabilidade, lucro e aceleração de negócios, vocabulário que evidencia o interesse do setor privado na educação básica.

2.1 A transformação digital da escola em discussão

As instituições escolares, tal qual conhecemos nos dias de hoje, nem sempre existiram. Paula Sibilia (2012), antropóloga e professora de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense, descreve a escola como um aparelho historicamente configurado, uma espécie de maquinaria criada com o propósito de responder a um conjunto de demandas específicas de um projeto histórico que a colocou em funcionamento. Essa localização histórica remete principalmente à sociedade industrial europeia do século XIX. A escola foi uma das diversas instituições que subsidiaram a industrialização do mundo. Sua origem está atrelada à reforma moral, inicialmente cristã, empreendida sobretudo pelos jesuítas no continente europeu e, em seguida, pela elite iluminista (SIBILIA, 2012).

A educação formal serviu aos propósitos da sociedade ocidental, moderna, capitalista e industrial de instruir, civilizar, moralizar e disciplinar corpos, para que fossem produtivos, obedientes e capazes de sintonizar seus gestos e ritmos com a frequência mecânica das linhas de montagem das fábricas. Para isso, ressalta Foucault (2010), o confinamento em um espaço delimitado por paredes e fechaduras, com intervalos regulares de tempo e uma organização espacial destinada para fins específicos foi um recurso disciplinar de vital importância. A escola, dessa maneira, nasce alicerçada por uma série de valores considerados indispensáveis para assegurar sua estrutura, entre eles o respeito hierárquico, o reconhecimento da autoridade, a obediência, o cumprimento de rotinas fixadas e a valorização positiva do esforço e da dedicação concentrada com metas e recompensas de longo prazo (FOUCAULT, 2010; SIBILIA, 2012).

Ao redor dos muros da escola, no entanto, temos hoje uma nova paisagem, bastante diferente daquela que existia quando a escola foi idealizada e colocada em funcionamento, argumenta Sibília (2012). O fluxo intenso de dados e de informações digitais, do qual podemos acessar e participar em qualquer tempo e de qualquer lugar com os nossos smartphones, se desdobrou em modificações profundas nos corpos e subjetividades contemporâneos (SERRES, 2013; SIBILIA, 2012).

Embora a escola tenha tentado se adaptar de diferentes maneiras ao longo do seu tempo de existência, ela parece persistir sob as mesmas roupagens e modos de funcionamento, o que faz com que seja percebida como antiquada, incompatível com os modos contemporâneos de ser e estar no mundo (SERRES, 2013; SIBILIA, 2012).

Despontam, dessa maneira, discursos em torno da incorporação de tecnologias digitais ao cotidiano escolar para modernizar esse artefato que parece desatualizado (SIBILIA, 2012; SELWYN, 2015). Segundo Selwyn (2013; 2015), esses discursos estão relacionados predominantemente com noções de mudança e de transformação e celebram o papel das tecnologias digitais no apoio a novas práticas de ensino-aprendizagem e novas formas de participação e interação. Colocam em questão não apenas o que é importante aprender nos dias de hoje, como também o próprio processo de aprendizagem.

2.2 Pandemia e impactos no mercado de empresas *edtechs*

A educação foi um setor que sofreu grande impacto com as medidas de isolamento social adotadas pelos países para conter a disseminação do coronavírus SARS-CoV2 ou COVID-19. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), a pandemia foi responsável pela “maior interrupção da educação em toda a história”, impactando quase que universalmente alunos e professores (UNITED NATIONS, 2020, p.5, tradução nossa). No auge do fechamento das instituições de ensino, mais de um bilhão e 600 mil crianças e jovens estavam afastados de suas escolas em 188 países (WORLD BANK *et al*, 2022), o que representou um desafio sem precedentes para a educação escolarizada em nosso planeta. O período médio de fechamento das escolas na América Latina foi de 225 dias, um dos mais longos em todo o mundo, perdendo apenas para o sul da Ásia, que permaneceu em média 273 com escolas fechadas (WORLD BANK *et al*, 2022). No Brasil, o *Censo Escolar da Educação Básica 2021* (BRASIL, 2021b) revelou que praticamente todas as escolas (99,3%) suspenderam as atividades presenciais de ensino em 2020. Até maio de 2021, a média nacional de suspensão das aulas presenciais era de 279 dias, sendo a média da rede pública ainda maior: 287 dias.

Como resposta emergencial à pandemia, governos e instituições de ensino em todo o mundo buscaram estratégias e soluções para viabilizar a continuidade da aprendizagem escolar. Segundo o relatório sobre o cenário emergente de tecnologias educacionais durante a pandemia, elaborado por Williamson e Hogan (2020), isso trouxe o setor privado para o centro dos serviços educacionais essenciais, fornecendo equipamentos, infraestrutura, suporte técnico, ferramentas, aplicativos, plataformas, ambientes virtuais de aprendizagem, sistemas de trocas de mensagens etc. Nesse contexto, as empresas *edtechs* desfrutaram de um crescimento recorde.

De acordo com dados divulgados pelo jornal *Folha de S.Paulo* (MATIAS, 2020), a *Árvore*, empresa *edtech* que disponibiliza aos estudantes livros e conteúdos de atualidades em sua plataforma digital, registrou um milhão e 600 mil usuários em sua plataforma em 2020, um número quase sete vezes maior do que o de 2019, que era de 250 mil. A Redação Online e a Kanttum são outros exemplos de empresas *edtechs* que mais do que dobraram a quantidade de escolas atendidas pelas suas plataformas digitais. Da mesma maneira, o jornal *O Estado de S.*

Paulo (BARBOSA, 2020) informou que a Geekie aumentou de 100 para 230 o número de escolas atendidas pela sua plataforma educacional Geekie One. Além dela, empresas *edtechs* como MoveEdu, Qranio e Sampa Tech, que liberaram gratuitamente o acesso aos seus serviços digitais, alcançaram um número muito maior de instituições de ensino, estudantes e docentes no período da pandemia.

As *edtechs* foram o quarto segmento de *startups* com maior volume de investimentos privados em 2021 no Brasil, registrando um total de R\$ 1,26 bilhão apenas no primeiro trimestre do ano, número muito maior do que o registrado em todo o ano de 2020, que foi de R\$ 63,8 milhões (BRAUN, 2021). Segundo o *Mapeamento Edtech 2020* (CIEB, 2020), as *edtechs* representam o maior segmento entre as *startups* brasileiras, com um total de 566 empresas no ano de 2020, um número 26% superior ao ano anterior. A região sudeste do país concentra mais da metade dessas empresas (58,7%), que oferecem soluções para diversos segmentos educacionais, como educação infantil, educação básica, ensino superior, idiomas, cursos livres, cursos técnicos etc.

A pressa de governos e instituições de ensino em incorporar soluções digitais para fins educacionais, assim como a oferta temporariamente gratuita de produtos e serviços digitais privados, permitiu que empresas *edtechs* alcançassem rapidamente uma base maior de alunos e de instituições de ensino, e estabelecessem novas parcerias público-privadas. O período também serviu de contexto para fortalecer o discurso sobre os benefícios da incorporação das tecnologias digitais na educação e sobre a necessidade de modernização da escola.

Para o Banco Mundial, a pandemia desencadeou “uma oportunidade incomparável de mudança” dos sistemas escolares (WORLD BANK, 2021, p. 11, tradução nossa). Algumas medidas adotadas durante o período de restrição de funcionamento das escolas, como o uso de tecnologias digitais, representam uma “oportunidade única de avançar para uma nova etapa de desenvolvimento educacional” (WORLD BANK, p. 11, tradução nossa). Da mesma maneira, António Guterres, secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), afirmou que “temos uma oportunidade geracional de redesenhar a educação” (NAÇÕES UNIDAS, 2020).

3 As empresas *edtechs* nas páginas impressas e digitais dos jornais

Nesta seção, examinaremos a cobertura noticiosa sobre o aumento da participação das empresas *edtechs* na educação básica brasileira durante o período da pandemia de COVID-19. Tendo como referencial metodológico a análise de conteúdo (CRESWELL, 2010), buscamos identificar como as empresas *edtechs* foram retratadas pelos jornais e quais ideias e conceitos circundam o assunto.

3.1 Procedimentos metodológicos

Constitui-se como *corpus* de análise as matérias publicadas pelos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, os mais importantes jornais paulistas. A escolha de São Paulo se deve ao fato de a cidade concentrar o maior número de empresas *edtechs* do Brasil (CIEB, 2020) e ser considerada o centro do ecossistema de *startups* da América Latina (STARTUP GENOME, 2022).



Para a coleta dos dados, foram realizadas buscas no site² e no acervo digital³ desses veículos de comunicação entre os dias 28 de maio e 30 de junho de 2022. O termo *edtech* foi digitado no campo de busca e, em seguida, o filtro do período de publicação foi ativado. Tendo em vista que o interesse deste artigo é compreender a abordagem do tema durante a pandemia, os anos de 2020 e 2021 foram selecionados, período em que as escolas fecharam ou funcionaram com restrições. Para efeito de comparação, os anos de 2018 e 2019 também foram analisados. Foram identificadas um total de 177 ocorrências.

Na primeira etapa de seleção dos dados, foram excluídos os documentos que se repetiam duas ou mais vezes, tendo em vista que os veículos de comunicação publicam matérias nos jornais impresso e digital. Em seguida, uma leitura cuidadosa de cada matéria buscou distinguir se o conteúdo da ocorrência abordava especificamente a educação básica brasileira. Para isso, o critério de inclusão considerou a abordagem dos seguintes assuntos na linha argumentativa do texto: escola, educação básica, alunos em idade escolar, ensino médio, ensino fundamental, empresas *edtechs* com atuação na educação básica. Os documentos que não atendiam a esses critérios foram excluídos da listagem. Um total de 26 documentos foram selecionados para o *corpus* da análise, como mostra o Quadro 1.

Quadro 1- Lista dos documentos que compõem o *corpus* de análise da pesquisa

	Jornal	Data	Título da matéria
1	Folha de S.Paulo	08/10/2021	A mais importante disrupção é preparar novas gerações de professores para utilizar tecnologias
2	Folha de S.Paulo	03/03/2021	Volta às aulas presenciais será teste para startups de educação
3	Folha de S.Paulo	01/12/2020	'Bossa Nova é uma máquina de investimentos em startups', diz Pierre Schürmann
4	Folha de S.Paulo	17/10/2020	Migração para o ensino híbrido alavanca startups de educação
5	Folha de S.Paulo	27/03/2020	O coronavírus e os empreendimentos socioambientais
6	Folha de S.Paulo	20/01/2019	Startups criam plataformas que levam histórias dos livros às telas
7	Folha de S.Paulo	08/09/2018	Grupos de educação investem em novas tecnologias via edtechs
8	O Estado de S. Paulo	02/12/2021	Ser compra 3ª startup de educação no ano e vai vender conteúdo a concorrentes
9	O Estado de S. Paulo	18/11/2021	Unicórnio indiano de cursos de programação, Byju's mira parceria com prefeituras no Brasil
10	O Estado de S. Paulo	18/08/2021	Startup apoia estudantes de escolas públicas por meio de concurso de redação
11	O Estado de S. Paulo	28/07/2021	'Unicórnio' indiano chega ao Brasil com aulas de programação para crianças a partir de 6 anos
12	O Estado de S. Paulo	20/05/2021	Transformação digital impulsionada pela covid-19
13	O Estado de S. Paulo	3/03/2021	Conteúdo digital avança com comércio fechado e medo de contágio pela covid
14	O Estado de S. Paulo	18/02/2021	Startup de educação Descomplica recebe aporte de R\$ 450 milhões
15	O Estado de S. Paulo	03/02/2021	Por que investir em educação é mais do que investir no futuro
16	O Estado de S. Paulo	05/11/2020	Descomplica lança quiz sobre Enem e vestibular no Google Assistente
17	O Estado de S. Paulo	31/07/2020	Vasta, da Cogna (COGN3), confirma preço da ação no IPO de US\$ 19 na Nasdaq
18	O Estado de S. Paulo	30/07/2020	Vasta, da Cogna, já tem demanda superando em 10 vezes oferta na Nasdaq
19	O Estado de S. Paulo	22/07/2020	A educação do futuro está muito além da EAD

² <https://www.folha.uol.com.br> e <https://www.estadao.com.br>

³ <https://acervo.folha.com.br> e <https://acervo.estadao.com.br>



20	O Estado de S. Paulo	03/06/2020	A educação como parte da transformação de um futuro pós-pandemia
21	O Estado de S. Paulo	25/04/2020	Demanda por EAD ajuda a derrubar preconceitos e impulsionar negócios
22	O Estado de S. Paulo	01/04/2020	Descomplica e Quero Educação investem para deixar educação mais digital
23	O Estado de S. Paulo	21/11/2019	Vasta Educacional contrata bancos para IPO nos Estados Unidos
24	O Estado de S. Paulo	14/10/2019	EdTech Venture Day em São Paulo
25	O Estado de S. Paulo	09/10/2019	Brasil já tem mais de 700 startups de educação
26	O Estado de S. Paulo	06/02/2019	Fundo BR Startups investe R\$ 800 mil na startup VOA educação

Fonte: Elaborado pela autora, 2022

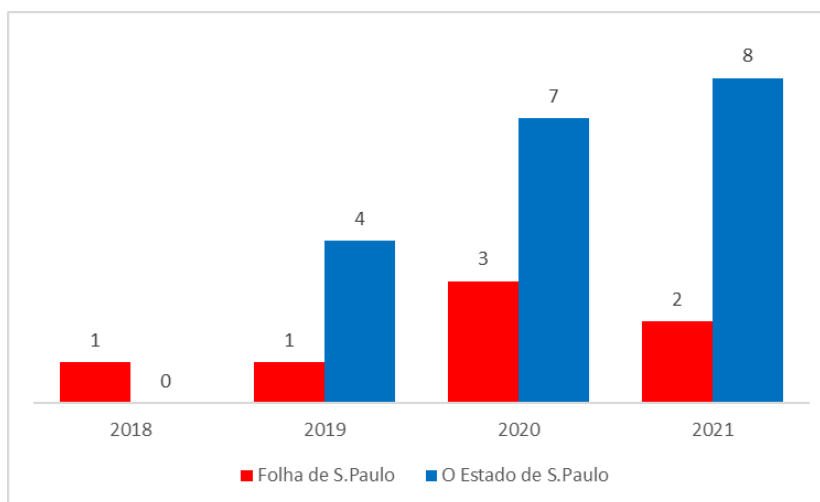
Todos os documentos foram salvos e combinados num único arquivo de texto. Em seguida, foram lidos em sua totalidade, buscando-se obter um sentido geral do conteúdo. Na etapa seguinte, os dados foram organizados e classificados em códigos, como orienta Creswell (2010). O autor esclarece que o processo de codificação “envolve a separação do texto ou dados visuais em pequenas categorias de informação, buscando evidências para o código a partir de diferentes bases de dados a serem usadas no estudo, e depois atribuindo um rótulo ao código” (CRESWELL, 2010, p. 150). Os códigos foram então combinados em categorias ou temas mais amplos para formarem uma ideia comum. A partir do processo de categorização, foram identificados pontos fundamentais que permitiram compreender como as empresas *edtechs* foram retratadas pelos veículos de comunicação e quais ideias e conceitos circundam o assunto. Esses pontos serão apresentados na próxima seção, destinada à análise e discussão dos resultados.

3.2 Análise e discussão dos resultados

Um total de 26 documentos compõem o *corpus* de análise, sendo 19 deles publicados pelo jornal O Estado de S. Paulo e sete pelo jornal Folha de S.Paulo. Das sete matérias do jornal Folha de S.Paulo, cinco delas foram publicadas nos anos de 2020 e 2021, durante a pandemia de COVID-19, refletindo um aumento do interesse sobre o assunto no período. Isso também foi observado no jornal O Estado de S. Paulo: das 19 matérias, 15 foram publicadas após a pandemia ter começado. A separação do resultado por período permitiu comparar o volume de publicações ao longo do tempo, como mostra o Gráfico 1.



Gráfico 1 - Total de ocorrências identificadas por ano de publicação



Fonte: Elaborado pela autora, 2022

Na Folha de S.Paulo, o assunto foi tratado nos cadernos de Economia, Tecnologia, MPME (Micro, pequena e média empresas) e Opinião. Nenhuma das matérias que compõem o *corpus* de análise foi publicada pelo jornal Folha de S.Paulo no caderno de Educação. No jornal O Estado de S. Paulo, o assunto foi tratado em cadernos ou seções sobre negócios (Economia e Negócios, E-investidor e PME), inovação (Link) e Política. Apenas uma das matérias pertence ao caderno de Educação do jornal. Em ambos os jornais, portanto, o termo *edtech* esteve mais associado ao universo de tecnologia e negócios do que ao de educação.

As matérias publicadas pelo jornal O Estado de S. Paulo explicaram brevemente o significado do termo *edtech* como: *startups* de educação e tecnologia, *startups* de tecnologia educacional, empresas de tecnologia educacional e *startups* do segmento educacional. Quando o significado do termo não estava explícito, o texto da matéria fazia referência às empresas do tipo *startups* que atuam no setor de educação. Uma das matérias esclareceu que o termo trata de um jargão do setor de *startups* e outra matéria que o termo é um apelido dado a empresas de tecnologias voltadas à educação. A única matéria que descreveu o termo como ‘tecnologia educacional’ foi *A educação do futuro está muito além da EAD*, publicada no caderno Política. No jornal Folha de S.Paulo, apenas uma das matérias apresentou a explicação do termo *edtech*, atribuindo o seu significado a *startup* de educação. Nas demais matérias, embora a explicação não estivesse explícita, o termo *edtech* foi associado a empresas do tipo *startups* com atuação no setor educacional.

As soluções educacionais que as empresas *edtechs* oferecem foram descritas como ‘produtos’ e ‘serviços’. Escolas, estudantes e docentes foram nomeados como ‘usuários’, ‘assinantes’ ou ‘clientes’, evidenciando a lógica da mercantilização do ensino abordada por Sibilia (2012) e Selwyn (2013). A educação, dessa maneira, é retratada como um produto entre os inúmeros outros fornecidos pelo mercado, que compete para captar a atenção e o interesse de seus clientes potenciais (SIBILIA, 2012).

A análise permitiu identificar quatro categorias de conteúdo na amostra: 1) movimentação do mercado educacional; 2) impactos da pandemia; 3) benefícios dos produtos e serviços oferecidos pelas *edtechs*; e 4) cenário pós-pandemia. A Figura 1 apresenta os códigos



descritivos que foram identificados na análise e que, posteriormente, foram organizados em categorias de conteúdo.

Figura 1 - Processo de codificação e categorização dos dados coletados



Fonte: Elaborado pela autora, 2022

A movimentação do mercado educacional foi a categoria de conteúdo com maior número de ocorrências. Dos 26 documentos que compõem a amostra, 20 deles abordavam o assunto. Os dois jornais evidenciaram o processo de alastramento das empresas *edtechs* na educação básica brasileira, alcançando um número cada vez maior de instituições de ensino, tanto privadas quanto públicas, e de seus atores: alunos, docentes e gestores. Um processo que já estava em andamento, mas que foi acelerado pela pandemia. Além disso, as matérias publicadas destacaram os aportes financeiros milionários feitos por grandes grupos educacionais, empresários e investidores nas empresas *edtechs*, mesmo antes da pandemia começar.

A matéria *Brasil já tem mais de 700 startups de educação*, publicada pelo jornal O Estado de S. Paulo em 2019, por exemplo, relata que a empresa *edtech* Quero Educação quase



dobrou o número de usuários da sua plataforma em um ano. Da mesma maneira, a matéria *Startups criam plataformas que levam histórias dos livros às telas*, publicada em 2018 pela Folha de S.Paulo, informa que a Árvore Livros recebeu um investimento inicial de cerca de R\$ 100 mil dos seus fundadores em 2015 e em apenas três anos de funcionamento já havia atingido R\$ 5 milhões de faturamento anual. Embora o crescimento do setor tenha sido abordado nas matérias de 2018 e 2019, as publicações feitas durante a pandemia, nos anos de 2020 e 2021, enfatizaram os recordes de investimentos, faturamento e expansão dessas empresas, impulsionados pela restrição de funcionamento das instituições de ensino.

Em março de 2021, por exemplo, o cofundador e presidente da plataforma Árvore, João Leal, relatou numa entrevista publicada na matéria “Conteúdo digital avança com comércio fechado e medo de contágio pela Covid”, do jornal *O Estado de S. Paulo*, que durante o primeiro ano da pandemia a empresa havia crescido cinco vezes o seu tamanho e que esse crescimento era muito maior do que em anos anteriores. Outro exemplo de recordes durante a pandemia é o aporte financeiro recebido pela Descomplica em fevereiro de 2021, cuja quantia foi descrita na matéria “Startup de educação Descomplica recebe aporte de R\$ 450 milhões”, da *Folha de S.Paulo*, como “a maior cifra já levantada por uma *edtech* brasileira num investimento de capital privado”.

A análise permitiu identificar que a pandemia foi percebida como uma oportunidade de expansão das empresas *edtechs* e impulsionadora do crescimento dessa categoria de *startups*. A título de exemplo, citamos o trecho da matéria “Volta às aulas presenciais será teste para startups de educação”, publicada pela *Folha de S.Paulo*, na qual se lê que as “empresas que vendem sistemas de aprendizado digital a escolas estão desfrutando de lucros inesperados por conta do coronavírus”. Também o trecho da matéria “Demanda por EAD ajuda a derrubar preconceitos e impulsionar negócios”, publicada pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, em que se afirma que “o Geekie One contava com 100 escolas clientes. Com a pandemia, agora são 230 clientes em todo o País”.

A educação básica é abordada como uma transação financeira lucrativa, pela qual se interessam grandes investidores, que enxergam o potencial de expansão do setor no Brasil e no mundo. Palavras como negócios, captação, faturamento, lucro, cifra, receita, aportes, venda e empreendedorismo foram empregadas na abordagem do assunto, assim como expressões do mercado financeiro, entre elas ‘rodada de investimentos’ e ‘fundo de venture capital’. Como argumenta Selwyn (2013, p.51, tradução nossa), “a natureza, a forma e a governança do uso da tecnologia digital na educação estão sendo influenciadas pelo envolvimento de empresas comerciais e por interesses do setor privado”, visto que o desenvolvimento, a fabricação e a comercialização de produtos e serviços digitais é quase que totalmente dependente da iniciativa privada.

A segunda categoria de conteúdo com maior número de ocorrências no *corpus* de análise foi ‘impactos da pandemia’, com 12 documentos que abordam o assunto. Além da oportunidade de expansão das empresas *edtechs*, já mencionada nesta análise, a pandemia é percebida como um período de adaptação digital de todos os setores da sociedade, incluindo a educação. As escolas, devido às restrições de funcionamento, precisaram incorporar recursos digitais às suas rotinas pedagógicas e administrativas em caráter emergencial. Essa nova demanda por produtos e serviços não apenas desencadeou o crescimento das empresas *edtechs* como também fez diminuir o preconceito e a resistência ao uso de recursos digitais por parte das instituições de ensino e de seus docentes.

Os benefícios dos produtos e serviços oferecidos pelas empresas *edtechs* compõem a terceira categoria de conteúdo identificada, com nove ocorrências. A escola é retratada como uma instituição que precisa ser reinventada, que carece de modernização e de soluções disruptivas e inovadoras. Nesse sentido, a análise evidencia a construção de um discurso notoriamente positivo sobre as empresas *edtechs*. Seus produtos e serviços são descritos como soluções capazes de aumentar a eficiência institucional, melhorar a qualidade do ensino, despertar o interesse e estimular o engajamento de alunos, inovar o ensino-aprendizagem, estimular a criatividade, desenvolver competências mais alinhadas às demandas contemporâneas e melhorar a comunicação entre a família e a escola.

Selwyn (2013; 2019) destaca a crescente importância da iniciativa privada não apenas na produção e distribuição de tecnologias digitais para a educação, como também na circulação de enunciados, argumentos e valores responsáveis por dar legitimidade à integração dessas tecnologias em ambientes e processos de aprendizagem. Dialogando com as reflexões de Serres (2013) e de Sibilia (2012) sobre a percepção da escola como uma instituição em crise e desatualizada, é notória a crença na capacidade das tecnologias digitais para modernizá-la.

Por fim, a quarta categoria identificada na análise de conteúdo diz respeito ao cenário pós-pandemia, com o assunto sendo abordado em três documentos. Foi possível observar que há uma expectativa de que o retorno presencial das atividades escolares provoque uma retração das empresas *edtechs*. No entanto, há um otimismo do mercado brasileiro de que muitas soluções sejam incorporadas definitivamente pelas instituições de ensino. Esse otimismo é sustentado pelas seguintes percepções: 1) segundo os analistas entrevistados pelos jornais, os recursos digitais deixaram de ser percebidos como complementares no universo educacional e se tornaram essenciais, o que significa uma menor resistência ao seu uso nas rotinas escolares cotidianas; 2) a pandemia acelerou a difusão do uso de laptops e aplicativos pelas escolas e por seus alunos; 3) o uso de recursos digitais na educação se tornou comum para milhões de estudantes e professores brasileiros; e 4) as instituições de ensino perceberam que a transformação digital pode trazer benefícios importantes para a aprendizagem.

4 Considerações finais

Como discutido até aqui, a pandemia de COVID-19 impôs restrições de funcionamento às escolas em todo o mundo e influenciou o aumento da demanda por produtos e serviços digitais em processos de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, empresas *edtechs* expandiram a participação na educação básica brasileira, atingindo um número maior de estudantes, docentes e instituições de ensino. Elas ofereceram temporariamente, sobretudo às escolas públicas e secretarias de educação, produtos e serviços de maneira gratuita ou por um custo fortemente reduzido, num esforço e compromisso de viabilizar a continuidade da aprendizagem no período. Convém destacar, no entanto, que as empresas privadas existem para fazer os seus acionistas e investidores lucrarem. O esforço para resolver no curto prazo os desafios impostos pelo fechamento das instituições de ensino, apresentado como ação generosa da iniciativa privada, também buscou consolidar, no longo prazo, a participação das empresas *edtechs* no mercado educacional brasileiro, sobretudo na rede pública de ensino, que concentra 82,6% dos 46,7 milhões de crianças e jovens estudantes (BRASIL, 2021).

Embora muitas dessas dinâmicas estejam ocorrendo em outras partes do mundo, inclusive no ensino superior, este artigo se concentrou na educação básica brasileira, mais especificamente no período pandêmico. O cenário educacional brasileiro é descrito como atrativo para investidores e com ótimas oportunidades para empresas com soluções digitais. Os



números de clientes alcançados, lucros e aportes financeiros ilustram a expansão do setor, sobretudo durante a pandemia. A educação é percebida como um ativo financeiro, do qual lucram investidores e empresas privadas, sobretudo as de tecnologia.

A análise permitiu identificar que as empresas *edtechs* são retratadas de maneira notoriamente positiva pelos jornais paulistas. Os produtos e serviços digitais desenvolvidos e comercializados por essas empresas são apresentados como capazes de transformar as instituições de ensino e os processos de ensino-aprendizagem, sem que para isso sejam expostas evidências ou questionamentos para tais afirmações. Empresários e investidores são tratados pelos jornais como especialistas em educação e fornecem contribuições para construir um diagnóstico do cenário educacional durante a pandemia e dos desafios e problemas que antecedem o período. É notória a ausência de educadores e de pesquisadores no aprofundamento que os jornais se dispõem a fazer sobre o assunto. Esses profissionais são retirados do protagonismo de pensar a escola e as suas transformações.

A percepção de que a escola precisa se modernizar, melhorar a qualidade e se tornar mais interessante para o público que a frequenta é usada para justificar a continuidade do uso dessas soluções digitais no período pós-pandemia. Evidencia-se a atuação das empresas *edtechs* na difusão do consenso de que as escolas apresentam fragilidades e ineficiências que as tecnologias digitais, sobretudo as plataformas educacionais, são capazes de resolver. Essa percepção, naturalmente, atende diretamente ao interesse financeiro das empresas *edtechs*, que lucram com a comercialização dos produtos e serviços digitais.

A investigação da cobertura noticiosa sobre o avanço das empresas *edtechs* na educação básica brasileira fornece subsídios para compreender quem são os atores que estão buscando transformar a escola na contemporaneidade, como eles são retratados pelos meios de comunicação e como a atuação desses atores é justificada a partir de descrições sobre como a escola é, como deveria ser e os motivos pelos quais ela precisa mudar.

Referências

BARBOSA, Anna. Demanda por EAD ajuda a derrubar preconceitos e impulsionar negócios. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 25 de abril de 2020. Disponível em <https://pme.estadao.com.br/noticias/geral,demanda-por-ead-ajuda-a-derrubar-preconceitos-e-impulsionar-negocios,70003282953>. Acesso em: 11 jun. 2022.

BRASIL. **Lei Complementar nº 182/2021**, de 1º de junho de 2021. Institui o marco legal das startups e do empreendedorismo inovador; e altera a Lei nº 6.404, de 15 de dezembro de 1976, e a Lei Complementar nº 123, de 14 de dezembro de 2006. 2021a. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-complementar-n-182-de-1-de-junho-de-2021-323558527>. Acesso em: 15 jun. 2022.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica 2021**. Brasília, DF: Inep, 2021b. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2021.pdf. Acesso em: 23 jun.2022.

BRAUN, Daniela. Startups atraem investimentos de R\$ 11 bi. **Valor Econômico**, São Paulo, 5 de abril de 2021. Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2021/04/05/startups-atraem-investimentos-de-r-11-bi.ghtml>. Acesso em: 15 ago. 2021.

CIEB, Centro de Inovação para a Educação Brasileira. **Mapeamento Edtech 2020:** investigação sobre as tecnologias educacionais brasileiras [recurso eletrônico]. Disponível em: https://cieb.net.br/wp-content/uploads/2021/04/Mapeamento-Edtech-2020_web.pdf. Acesso em: 20 abr. 2021.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa:** escolhendo entre cinco abordagens. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

DISTRITO. **Edtech Report 2020.** São Paulo: Distrito, dezembro de 2020. Disponível em: <https://distrito.docsend.com/view/iyusc4vt5kcs928d>. Acesso em: 28 mar. 2022

FACER, Keri; SELWYN, Neil. **Digital technology and the futures of education:** towards “non-stupid” optimism. UNESCO - Futures of Education Report. 2021. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000377071.locale=en>. Acesso em: 22 jun. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão. Tradução: Raquel Ramallete. 38. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

HUMAN RIGHTS WATCH. **“How Dare They Peep into My Private Life?”:** Children’s Rights Violations by Governments that Endorsed Online Learning During the Covid-19 Pandemic. 2022. Disponível em: <https://www.hrw.org/report/2022/05/25/how-dare-they-peep-my-private-life/childrens-rights-violations-governments>. Acesso em: 26 jul. 2022.

MATIAS, Lisandra. Migração para o ensino híbrido alavanca startups de educação. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 17 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mpme/2020/10/migracao-para-o-ensino-hibrido-alavanca-startups-de-educacao.shtml>. Acesso em: 2 jun. 2022.

NAÇÕES UNIDAS. **Guterres diz que mundo pode “redesenhar a educação” na era pós-Covid-19.** 4 agosto 2020. Disponível em <https://news.un.org/pt/story/2020/08/1722052>. Acesso em: 12 mar. 2022.

SELWYN, Neil. **Education in a digital world:** global perspectives on technology and education. Abingdon Oxon United Kingdom: Routledge, 2013.

SELWYN, Neil. **Should Robots Replace Teachers?** AI and the Future of Education. Cambridge, UK: Polity Press, 2019

SERRES, Michel. **Polegarzinha.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes:** a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

STARTUP GENOME. **The Global Startup Ecosystem Report 2022.** Junho de 2022. Disponível em: <https://startupgenome.com/reports/gser2022>. Acesso em: 26 jul 2022.

UNESCO International Bureau of Education. **The Platformization of Education: A framework to Map the New Directions of Hybrid Education Systems.** Genebra: IBE, maio 2021. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000377733>. Acesso em: 18 jul 2022.

UNITED NATIONS. **Policy Brief:** Education during COVID-19 and beyond. 2020. Disponível em: <https://unsdg.un.org/resources/policy-brief-education-during-covid-19-and-beyond>. Acesso em: 26 ago. 2021.

WILLIAMSON, Ben; HOGAN, Anna. **Commercialisation and privatisation in/of education in the context of Covid-19.** Education International Research, 2020. ISBN 978-92-95109-97-1 (PDF)

WORLD BANK. **Agindo agora para proteger o capital humano de nossas crianças:** os custos e a resposta ao impacto de COVID-19 no Setor de Educação na América Latina e Caribe. Washington DC, 2021. Disponível em: <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/35276>. Acesso em: 20 ago. 2021.

WORLD BANK, *et al.* **The State of Global Learning Poverty:** 2022 Update. 23 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/topic/education/publication/state-of-global-learning-poverty>. Acesso em: 11 jul. 2022.

Recebido em agosto de 2022.

Aprovado em novembro de 2022.